

# **POBREZA E RELIGIÃO NUMA GEOPOLÍTICA**

## **Questões para um futuro projecto de investigação com base no Relatório Gallup**

**Poverty and Religion**  
**A study from the Gallup Report**

**Dr. Paulo Mendes Pinto<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

Hoje em dia, constringidos pela crise quase planetária que sobre nós se abateu, somos levados a equacionar estas duas visões que, apesar de serem opostas e de relevarem de duas visões antagónicas do factor religioso, se mostram complementares. Dando eco deste insolúvel problema, durante o ano de 2009, a Gallup levou a cabo uma larga pesquisa em 114 países, procurando perceber o fundo da famosa frase de Marx. Mais que a religião ser o ópio do povo, interessou a este estudo perceber se há alguma relação entre o nível de desenvolvimento e a prática religiosa regular da maioria da população.

**Palavras-Chave:** Religião, Economia, Pobreza.

### **ABSTRACT**

More that religion is the opium of the people interested in this study to understand whether there is any relationship between the level of development and regular religious practice of the majority.

**Keywords:** Religion, Economy, Poverty.

### **Introdução. A problemática base: a relação entre a religião e a pobreza**

Ao longo do século XX as religiões foram repetidamente encaradas como um forte aliado da pobreza material e da pobreza de espírito. De mãos dadas ao analfabetismo e ao obscurantismo, numa herança neo-positivista, o século XX

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade de Lisboa, Diretor e Docente do PPGCR Universidade Lusófona (Lisboa, Portugal).

européu confortou-se com o desejo de inevitavelmente a religião se confinar ao espaço privado.

Contudo, o último quartel desse século veio despertar as autoridades e a academia para uma realidade que, calada, se tornava avassaladora e conduzia a uma negação dessa postura simples e descomprometida. Ao invés do esperado, a prática religiosa ganhava adeptos e, acima de tudo, refaziam-se e reformulavam-se as instituições anexas às confissões, dando aos seus crentes aquilo que o Estado Social prometia mas dificilmente conseguia cumprir.

Hoje em dia, constrangidos pela crise quase planetária que sobre nós se abateu, somos levados a equacionar estas duas visões que, apesar de serem opostas e de relevarem de duas visões antagónicas do factor religioso, se mostram complementares.

Dando eco deste insolúvel problema, durante o ano de 2009, a Gallup levou a cabo uma larga pesquisa em 114 países, procurando perceber o fundo da famosa frase de Marx. Mais que a religião ser o ópio do povo, interessou a este estudo perceber se há alguma relação entre o nível de desenvolvimento e a prática religiosa regular da maioria da população.

Este importante relatório<sup>2</sup> permite-nos um olhar de confronto com ideias feitas e com constatações por vezes surpreendentes. Infelizmente, este estudo não incluiu Portugal, não se podendo fazer leituras que se apliquem ao território nacional.

As problemáticas que se tornam centrais encontram-se, obviamente, na verificação da relação, ou não, do valor da religião na organização do dia-a-dia e, correlacionando, na relação próxima com o desenvolvimento económico e de qualidade de vida.

### A verificação de uma “ideia feita”

<sup>2</sup> Cf. <http://www.gallup.com/poll/142727/religiosity-highest-world-poorest-nations.aspx>.

Segundo o citado relatório, apresentado no dia 31 de Agosto último, 84% dos inquiridos disseram ser a religião importante na sua vida diária. O valor é, em termos médios, bastante alto, se bem que mereça ser analisado através de alguns filtros, um dos quais a sua relação com o rendimento individual.

Se cruzados, estes dois aspectos dão-nos um quadro linear de leitura: quando mais laicizada a sociedade, menor é a importância da religião no seu dia-a-dia. De facto, abaixo dos \$5,000, mais de 90% dos inquiridos diz ser a religião importante na sua vida diária, enquanto acima dos \$25,000 esse valor desce abaixo dos 50%.

Vejamos o quadro demonstrativo:

*Is religion an important part of your daily life?*

Median responses among countries at each per-capita income level

Per-capita income	Yes	No
\$0-\$2,000	95%	5%
\$2,001-\$5,000	92%	7%
\$5,001-\$12,500	82%	17%
\$12,501-\$25,000	70%	28%
\$25,001+	47%	52%

GALLUP®

*Is religion an important part of your daily life?*

Aggregate responses segmented by countries at different per-capita income levels



GALLUP POLL®

Já em 2004, Ronald Inglehart and Pippa Norris<sup>3</sup> mostravam que há, sem dúvida, uma relação directa entre a industrialização e a laicização. Os países onde a religião aparenta menos importar na escala do dia-a-dia são, também, os mesmos onde a riqueza e a produtividade mais cresceram.

Mas, para lá desta quase constatação, pois de uma verificação se trata da visão cientifista, interessa perceber exactamente a que fenómeno nos estamos a referir. Parafraseando um velho ditado popular, é da maior importância perceber o que surgiu em primeiro lugar, a laicização e depois a riqueza, ou o inverso.

No fundo, o centro desta problemática radicar-se-á na questão da secularização? Ou no do “desencantamento” do mundo, na criação de uma visão cada vez menos dependente de uma cosmovisão sagrada? O que é o Sagrado e de que forma nos relacionamos produtivamente com ele?

As respostas não se atingem com inquéritos de largo espectro. Para atender melhor às inquietações que nos surgem com estas questões, os instrumentos deveriam ser outros, com outra acuidade. Contudo, a forma como conseguimos já aceder a uma linha claramente definida e sólida permite-nos, quanto mais não seja, lançar linhas de pesquisa a desenvolver em tempo próximo.

### **Religião, dia-a-dia e estruturas de apoio social – uma possível leitura**

Contudo, mesmo dentro de uma média tão alta, alguns países conseguem quase atingir a unanimidade. Dez países apresentaram este valor rente aos 100%:

---

<sup>3</sup> *Sacred and secular: religion and politics worldwide*, Cambridge University Press, 2004

*Is religion an important part of your daily life?*

	<b>Yes</b>
Bangladesh	99%+
Niger	99%+
Yemen	99%
Indonesia	99%
Malawi	99%
Sri Lanka	99%
Somaliland region	98%
Djibouti	98%
Mauritania	98%
Burundi	98%

2009

GALLUP

Perante estes valores, merece a pena um olhar mais complexo sobre estes dez países. Recolhemos alguns elementos de indicação para melhor compreender o quadro em causa.

Interessou-nos verificar, a nível religioso:

- Se há uma dominante religiosa;
- Se há uma marca forte de um modelo de religiões esmagadoras.

E a nível da “pobreza”:

- Ver a relação com o PIB (*per capita*);
- Ver a relação do Índice de Desenvolvimento Humano com o limiar da pobreza.

	% Religião maioritária	Lugar no Índice de Desenvolvimento Humano	Lugar na ordenação do PIB <i>per capita</i>	% População a viver abaixo do limiar da pobreza
Bangladesh	Islão – 89,7%		139	36,3%
Nigéria	Islão – 50,4%	158	132	70%
Iémen	Islão – 99,9%	140	131	45,2%
Indonésia	Islão – 86,1%	111	122	17,8%
Malawi	Cristianismo – c. 80%	160	146	53%
Sri Lanka	Budismo – 69%	102	118	23%
Somalia	Islão - + 99%	161	149	<i>Sem elementos</i>

Djibouti	Islão – 94%	155	129	42%
Mauritânia	Islão – 99,84%	154	135	40%
Burundi	Cristianismo – 62%	174	151	68%

(Fonte: CIA World Factbook 2010, consultado em: [http://www.photius.com/rankings/economy/gdp\\_per\\_capita\\_2010\\_0.html](http://www.photius.com/rankings/economy/gdp_per_capita_2010_0.html))

Entre os países incluídos neste restrito grupo, um outro se afirma, o islâmico. De facto, entre dez, sete são maioritariamente muçulmanos. Alguns deles são constitucionalmente islâmicos, e quase todos apresentam valores esmagadores face a outras religiões.

O Bangladesh, por exemplo, tem um passado recente de grandes problemas com grupos terroristas islâmicos, tendo ao actual quadro político que contar com dois importantes partidos muçulmanos no xadrez. A este caso, poder-se-ia juntar a Somália, outro país que muito tem preocupado a comunidade internacional; aliás, estamos perante um país com uma esperança de vida pouco acima dos 48 anos, o que, em si, é um indicador de altíssima preocupação.

Dirigindo a nossa reflexão para os pontos antes sugeridos, vejamos:

A nível religioso:

- **A dominante religiosa:** sim, estamos perante uma dominante religiosa relativa; sete em dez países são maioritariamente muçulmanos. Neste quadro, temos dois cristãos (um católico e outro sem uma maioria definida) e um budista.

De resto, todos estes países se encontram em África ou na Ásia, mas relativamente perto da junção entre os dois continentes (a Península Arábica, significativamente) – apenas a Indonésia se encontra mais distante dessa região.

- **Marca forte de um modelo de religiões esmagadoras:** esta questão não apresenta uma resposta simples e muito menos directa. Dos dez países em análise, apenas cinco nos revelam valores da maioria acima dos 80% do total. Nos restantes casos, a maioria não obtém valores assim tão esmagadores.

Contudo, entre os países maioritariamente muçulmanos, apenas um deles apresenta uma maioria relativa, a Nigéria; todos os outros casos ascendem, por vezes, a valores próximos dos 100%.

E a nível da “pobreza”:

- **Relação com o PIB (*per capita*):** todos estes países estão bem cimentados na segunda centena, a última, da lista de Estados. Se fizermos um cálculo para chegar ao valor médio, esta listagem dá-nos o lugar 135, num quadro de cerca de 200 Estados.

Parece ser impossível tirar qualquer leitura da identidade religiosa nesta questão.

- **Relação com o Índice de Desenvolvimento Humano e com o limiar da pobreza:** ao olharmos para o quadro, a percentagem da população a viver abaixo do limiar da pobreza dá-nos elementos muito interessantes: os países quase exclusivamente muçulmanos não apresentam valores tão altos quanto os países maioritariamente cristãos.

Obviamente, temos perante nós um simples quadro indicador que em nada nos deve ligar a uma leitura directa. Contudo, é interessante notar este dado, equacionando-o com a eficácia do modelo islâmico de apoio social, baseado no Corão. De facto, estes valores menos preocupantes que em países com menor população muçulmana nada nos diz sobre a efectiva riqueza das pessoas. Mas diz-nos alguma coisa acerca das formas informais de apoio social.

É óbvia a capacidade de entreatajuda que se pode ler dos valores sistematizados abaixo, mediante uma simples organização dos países por religiões maioritárias.

Respondendo, simplesmente ao que se propunha inicialmente o projecto da Gallup, apesar de a religião ser igualmente importante para a esmagadora maioria dos indivíduos destes países, apenas uma parte deles transfere essa preocupação para o horizonte de práticas de ajuda ao seu semelhante.

	% Religião	Lugar no Índice	% População a	% População a viver
--	------------	-----------------	---------------	---------------------

		maioritária	de Desenvolvimento Humano	viver abaixo do limiar da pobreza	abaixo do limiar da pobreza (valor médio por maiorias religiosas)
Países maioritariamente muçulmanos	Bangladesh	Islão – 89,7%		36,3%	36,26%
	Iémen	Islão – 99,9%	140	45,2%	
	Indonésia	Islão – 86,1%	111	17,8%	
	Somalia	Islão - + 99%	161	<i>Sem elementos</i>	
	Djibouti	Islão – 94%	155	42%	
	Mauritânia	Islão – 99,84%	154	40%	
Valores próximos	Nigéria	Islão – 50,4%	158	70%	-----
Países maioritariamente cristãos	Malawi	Crist. – c. 80%	160	53%	60,5%
	Burundi	Crist. – 62%	174	68%	
País budista	Sri Lanka	Budismo – 69%	102	23%	23%

### Sociedade Desmoralizada / Sociedade Desmotivada

Jacques Attali afirmou recentemente (Attali, 14 Julho 2010. *L'Express*) que a desmoralização da sociedade face ao capitalismo e à democracia, baseia-se numa continuada falta de ética nas práticas económicas, políticas e sociais generalizadas. É um facto que as instituições não podem funcionar correctamente sem o respeito pelas regras morais fundadas na lealdade e na transparência, mas é igualmente evidente que a banca internacional, como alguma classe política, têm mantido a todo o custo comportamentos desviantes que são moralmente reprováveis. O resultado desta prática continuada está à vista de todos os cidadãos europeus e americanos. A crise na Europa, nos Estados Unidos e no Japão são o resultado de uma tremenda ganância que custou aos Estados, se não todo o erário público, pelo menos uma grande parte dele. Desde o último *crash* financeiro de 2008 que o bom senso tem aconselhado os Estados e a banca internacional a regressarem à ética em

economia e finança; os meses que se seguiram à derrocada financeira foram polvilhados por palavras de ouro quanto à moral e à ética, vários líderes políticos da Comissão Europeia e de vários Estados reafirmaram a necessidade urgente de se mudarem os comportamentos bancários; passados três anos tudo continua na mesma, e pior para o cidadão comum.

Observamos diariamente, a todos os níveis da sociedade, que muito dificilmente se conseguem manter contratos; o contrato de trabalho, o contrato social, como o contrato sentimental e familiar já não são respeitados. O egoísmo atingiu níveis tais que desfiguram o homem como pretendemos que ele seja enquanto expressão do bem comum. A economia do ter impôs-se sobre a economia do ser, e por isso, a desmoralização social cresce em proporção do continuado esforço das instituições financeiras e dos Estados (comprometidos com interesses macroeconómicos) para manterem a mesma situação. Uma situação em que os dois sistemas da identidade de cultura ocidental (capitalismo e democracia), já não correspondem aos anseios e aspirações dos cidadãos. A perda dos valores morais e éticos só contribui para acelerar o processo de crise actual, aprofundar os níveis de uma sociedade desmotivada e criar pobreza.

É urgente, portanto, restabelecer o sentido de moral e de ética, como os princípios de lealdade e de transparência entre todos os cidadãos. E é para aqui que devem concorrer todos os parceiros sociais comprometidos com a construção do homem social, sejam eles laicos ou religiosos.

Segundo uma estatística do GALLUP, dois terços da população americana considera a economia o maior problema dos Estados Unidos, e devemos pensar que igualmente a população europeia (e portuguesa em particular) também pensam da mesma maneira. Porém, no mesmo estudo onde observamos que 30% mencionam o problema económico, seguido de 20% para o desemprego e outros, verificamos que apenas 5% referem a falta de ética e de moral (juntamente com problemas ligados à religião e à desagregação familiar) como um dos problemas mais graves do país.

Ora, é justamente a falta de ética e de princípios que está na base da falência do sistema e do Estado Social; falta que originou pelo menos 67% dos problemas económicos e sociopolíticos. O que é válido para os Estados Unidos da América é igualmente elegível para os Estados europeus que se encontram numa situação em quase tudo semelhante. Constituir um Tribunal Internacional Financeiro seria uma forma de os Estados recuperarem a credibilidade perdida pelos cidadãos nas instituições que ajudaram a criar e a eleger, se para tal fosse possível criar um e tais crimes pudessem ser punidos. Mais uma vez Jacques Attali chama a atenção internacional para o escândalo do Lehmann Brothers, como exemplo do descalabro internacional e do paradoxo do crime que nunca será punido por nenhum tribunal internacional.

*What do you think is the most important problem facing this country today?*

	<b>% Mentioning</b>
Economy in general	30
Unemployment/Jobs	28
Dissatisfaction with government/Congress/politicians; poor leadership; corruption; abuse of power	12
Federal budget deficit/federal debt	7
Poor healthcare/hospitals; high cost of healthcare	7
Immigration/illegal aliens	7
Ethics/moral/religious/family decline; dishonesty	5
Wars/War (non-specific)/Fear of war	4
Education/poor education/access to education	3
Lack of respect for each other	3
Natural disaster response/relief	3

Gallup poll, Aug. 5-8, 2010

GALLUP

## Falência do Estado Social e Cooperação Social entre Confissões Religiosas

Como corolário da crise económica e ética, a falência do Estado Social é um destino que os cidadãos parece não poderem evitar, e com isso a redução drástica das pensões de reformas. É neste contexto, em que a perda da credibilidade do cidadão face às instituições do Estado contribui perigosamente para a desagregação das suas próprias estruturas, que a cooperação e a paridade entre as instituições de solidariedade social face ao próprio Estado devem ser estimuladas e apoiadas.

De facto, as relações entre sociedade e religião, quer em Estados assumidamente religiosos como em Estados essencialmente laicos, desenvolvem sempre estruturas de segurança social mais estáveis contribuindo para a diminuição da pobreza. Mas para isso é necessário que os próprios Estados contemplem juridicamente a equidade dos parceiros de todas as instituições religiosas; instituições que queiram participar na construção de um bem comum num jogo de um bom *faire play* social e económico. É aliás com este mesmo objectivo que a Comissão Europeia tem desenvolvido vários fóruns e produzido vários textos de trabalho, tentando encontrar plataformas de diálogo e soluções para as nações europeias, ao nível das organizações de solidariedade social com vínculo religioso que podem participar livremente na construção económica e cultural de forma sustentada<sup>4</sup>.

Como exemplo, o Relatório GALLUP apresenta para a sociedade norte americana uma incidência significativa entre o bem-estar social, económico e religiosidade. Dele podemos tirar várias leituras que se completam idiossincraticamente e que ajudam a definir três grupos sociais (muito religioso, moderadamente religioso e não religioso): expectativa de vida, saúde emocional, saúde física, comportamento saudável e motivação laboral.

---

<sup>4</sup> [http://europa.eu/geninfo/atoz/en/index\\_1\\_en.htm](http://europa.eu/geninfo/atoz/en/index_1_en.htm)

*Gallup-Healthways Well-Being Index Domain Scores, by Religiosity*

Controlling for age, gender, race and ethnicity, region and state of the country, socioeconomic status, marital status, and child-bearing status

	Very religious	Moderately religious	Nonreligious	Difference between very religious and nonreligious
Life Evaluation Index	51.8	45.0	45.4	6.4
Emotional Health Index	81.0	76.1	76.7	4.3
Physical Health Index	78.0	74.7	76.6	1.4
Healthy Behaviors Index	66.3	60.6	58.3	8.0
Work Environment Index	51.9	47.8	46.3	5.6
Basic Access Index	83.4	81.0	82.1	1.3

Gallup-Healthways Well-Being Index

GALLUP®

Torna-se evidente que o bem-estar e as expectativas sociais dos indivíduos religiosos são, na sua maioria, significativamente superiores aos dos indivíduos que não são religiosos ou que não têm uma filosofia de vida. Mas é importante que se diga que a sociedade religiosa norte americana (cristã e de outras confissões) assim como a sociedade canadense, desenvolveram desde a primeira década do século XX, sistemas alternativos de economia de mercado que passaram a favorecer o bem-estar geral das suas comunidades, ao mesmo tempo que ofereceram alternativas para investimentos seguros numa política de transparência e de respeito por uma moral económica e por uma ética universal; a criação de um mercado de acções próprio (*Ethical Funds*) abriu uma nova era de estabilidade económica, social e emocional para as comunidades de cidadãos que nunca se revelaram total ou parcialmente nas políticas económicas e sociais dos seus Estados.

Não se trata porém da criação de uma economia marginal, pois os “Fundos Éticos” nunca funcionaram fora do sistema, e nunca os investidores e os beneficiários se excluíram à sociedade, antes participando activamente em todas as infra-estruturas sociais e organismos do Estados em perfeita parceria. Onde o Estado norte-americano não conseguiu fazer chegar a segurança social, as organizações religiosas com fundo financeiro criaram fundações, infantários,

escolas, universidades e hospitais; criaram fundos de apoio aos desvalidos nacionais e internacionais e têm contribuído enormemente para o equilíbrio regional de várias zonas do globo. O sistema dos “Fundos Éticos” tem tido o mérito de criar riqueza e estabilidade, e têm contribuído para o controle do aumento da pobreza num ambiente de falência do Estado Social.

É assim, que na situação económica e financeira actual, não só as confissões religiosas cristãs como todas as religiões que partilham o mesmo espaço nacional, devem cooperar com o Estado de forma equitativa, para minimizar a pobreza e criar possibilidades no mercado de trabalho, ao mesmo tempo que podem melhorar o perfil moral e ético no mercado de valores.

**Trabalho enviado em 15/01/2015. Trabalho aceito em 20/08/2015.**